

Apresentação

Dossiê Autoetnografias: (In)visibilidades, reflexividades e interações entre “Eus” e “Outros”

Organizadores

Dr. Carlos F. Pérez Reyna

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Silvio Matheus A. Santos

Universidade Estadual de Campinas

Apresentamos com muita alegria e satisfação o Dossiê *Autoetnografias: (In)visibilidades, reflexividades e interações entre “Eus” e “Outros”*. Há alguns anos temos notado o crescente interesse de pesquisadores em nosso país pelo método da autoetnografia e o desenvolvimento de muitos trabalhos utilizando esta metodologia no campo das Ciências Sociais como em outros campos interdisciplinares ou áreas afins. Já sabemos e os trabalhos que compõem este dossiê demonstram que a autoetnografia resulta de uma investida autobiográfica dos/as autores/as no que concerne às experiências vividas, de uma orientação etnográfica acurada e de um engajamento analítico/crítico sobre a realidade ou mundo social que vivemos e estudamos.

Denzin e Lincoln (2000) há algum tempo já apontavam que cada pesquisador/a fala de dentro de uma comunidade interpretativa distinta que constrói e configura conhecimentos a partir dos componentes multiculturais que estão presentes no campo da pesquisa empírica, especificamente, de caráter qualitativo. As relações estabelecidas durante a pesquisa ou com as temáticas escolhidas para serem estudadas são permeadas por interesses, afetividades e sentimentos que não só motivam, mas também influenciam os/as pesquisadores/as. Estes sujeitos pesquisadores são portadores de subjetividades, histórias, memórias e opiniões que refletem a trajetória social de cada um deles (ELLIS & FLAHERTY, 1992).

Ressaltamos que a antropóloga Deborah Reed-Danahay (1997), na parte introdutória de sua obra, *Auto/Ethnography: Rewriting the Self and Social, define autoetnografia* apontando que as “histórias de experiência pessoal são ‘estratégicas’ para interrogar os contextos e processos mais amplos de desigualdade social que moldam as trajetórias de vida”, entendendo, assim, esse termo/método como “uma forma de narrativa que localiza o ‘self’ num contexto social.”.

Como veremos nos trabalhos, estamos diante de um método que pode ser usado na investigação e na escrita – que na maioria das vezes é em primeira pessoa. O que queremos dizer com isso é que há um entendimento apresentado por Ellis, Adams e Bochner (2011) de que podemos “fazer e escrever” autoetnografia a partir do momento que passamos a compreender profundamente a importância da autobiografia (ROTH, 2005) e da etnografia nos processos de pesquisa. Com isso, o que tais autores estão chamando a nossa atenção é que esta metodologia tanto assume o papel de um processo como o de um produto da própria investigação. Coffey (1999) já nos demonstrou que o empreendimento etnográfico é sempre, em algum grau, autoetnográfico, onde o “eu” do etnógrafo ou do/a pesquisador/a está sempre imbricado no processo de preparação e de realização da pesquisa.

Conseguimos enxergar que muitos destes trabalhos recebidos em nosso dossiê mergulham numa autorreflexividade que potencializam a construção ou o fortalecimento de um conhecimento (*auto/bio/etno/gráfico*) que advoga o relevo dos microprocessos que são na maioria das vezes individuais, mas que também buscam o entendimento dos processos macrosociais que os atravessam enquanto indivíduos e como parte de um grupo social. Fazemos questão de trazer novamente a compreensão de que a autorreflexividade se descola da simples compreensão (não menos importante) de que seria somente um ato de reflexão sobre um fenômeno social, suas causas e seus impactos em determinadas grupos sociais; e vai além, principalmente, quando nos damos conta da sua complexidade e entendemos que essa reflexividade “expressa a consciência de sua conexão necessária com a situação de pesquisa e, portanto, seus efeitos sobre o sujeito pesquisador” (ANDERSON, 2006, p. 382) e demais envolvidos na pesquisa. Portanto, salientamos que é importante reter o elo entre a dimensão do indivíduo e as questões macrosociais.

Neste sentido, compreendemos que estamos diante de um método que tem ganhado muita força na contemporaneidade e que advoga não apenas o reconhecimento da subjetividade e experiências como fatores importantes no processo de construção do conhecimento, mas que também está associado à ideia de propostas autoetnográficas de variadas perspectivas: por exemplo, decoloniais, das relações raciais (GRIFFIN, 2012; BOYLORN, 2014), de gênero, queer, feministas e feministas negras (MCCLAURIN, 2001).

Neste dossiê, portanto, vocês encontrarão muitos trabalhos que transitaram ou se debruçaram em muitas dessas abordagens. Deste modo, em linha com um dos principais objetivos que nos motivou a pensar a proposta deste dossiê, conseguimos perceber a existência de inúmeras possibilidades de (re)pensarmos tanto a função do sujeito/objeto como também outros modos de construir e realizar a pesquisa empírica qualitativa na atualidade. Assim, depois de termos a feliz surpresa do recebimento de 40 artigos em nossa chamada para publicação, o que demonstrou o elevado interesse e uma notável investida nesta metodologia, conseguimos, após intenso trabalho de leitura e seleção dos artigos, reunir excepcionalmente 16 trabalhos que nos possibilitaram excelentes discussões e reflexões que perpassaram de alguma maneira as dicotomias, indivíduo/coletividade, sujeito/objeto produtor de conhecimento; como também, potencializaram aportes analíticos/críticos e reflexivos sobre diferentes jornadas epistemológicas e metodológicas nas quais os sentidos do “eu”, “outros” e do “nós” autoetnográficos se apresentaram como resultados profícuos para futuras explorações, análises e estudos nas Ciências Sociais e áreas afins.

Assim, vocês verão aqui trabalhos que em sua maioria partiram da experiência pessoal de seus autores para descrever e criticar crenças culturais, práticas e experiências; que reconheceram e valorizaram as relações de interações com os “outros” sujeitos da pesquisa; que buscaram mergulhar numa profunda e cuidadosa autorreflexão para aludir e interrogar as interseções entre as dimensões macro e micro, o sujeito e o social, o pessoal e o político; que trataram das memórias, histórias de vida e de questões de identidades; que deram destaque a diferentes “vozes”, a processos de (auto)representações, gênero e interseccionalidade; apresentaram interessantes análises de narrativas de produções audiovisuais em diálogo com a autoetnografia; e, discutiram as recentes formas de (re)interpretação/(res)significação das diferentes subjetividades no ciberespaço.

Devido ao volume de artigos selecionados, apresentaremos de maneira muito sucinta, as principais questões pensadas e trabalhadas pelos/as autores/as. Informo também que apesar da quantidade de 16 trabalhos, eles se aproximaram tematicamente: a maioria dos artigos abordaram em suas propostas a temática racial; outros transitaram pela temática indígena; uma outra quantidade tratou da questão LGBTQIA+ e sexualidade; e a última parte dos trabalhos seguiram com temas diversos. Destacamos que mesmo buscando esta “separação didática e explicativa” para situar os trabalhos recebidos, as questões de raça, gênero, classe, religião, regionalidade, sexualidade dentre outros marcadores de diferença aparecem na maioria dos artigos deste dossiê.

O primeiro artigo é o de *Silvio Matheus A. Santos* (organizador do dossiê), **Autoetnografia, W. E. B. Du Bois e Meu “Fazer Autoetnográfico” – controle, estratégias e um estudo sobre experiências de discriminações numa fast-fashion no Brasil**. Nele demonstro o que identifico como as “raízes epistemológicas da autoetnografia” – que seria uma identificação das bases e/ou características epistêmico-teórico-metodológicas do método autoetnográfico em trabalhos seminiais do sociólogo W. E. B. Du Bois; e também apresento a minha construção do que chamo de “operacionalização autoetnográfica”.

O segundo trabalho das autoras *Adriana Vaz, Genice Fiaschi e Silvana Schuindt*, **Na escola vejo cores: identidades de mulheres negras, reflexões sobre o ‘eu’ e os ‘outros’!**. As autoras mobilizam a autoetnografia e as histórias de vidas para refletir, analisar e/ou problematizar o racismo na construção da identidade negra de professoras e os percursos formativos destas mulheres negras numa perspectiva interseccional. Demonstrando também um diálogo como campo da história da educação e do ensino.

O terceiro artigo é o da autora *Ingrid Caroline Alves*, **Entre silêncios e memórias: tornar-se pesquisadora e a reconquista da identidade**, em que notaremos o uso da experiência vivida para descrever e analisar a trajetória percorrida em busca do desenvolvimento de uma identidade acadêmica de uma mulher negra na área de negócios. O objetivo desta autora é explorar a formação da identidade recorrendo ao método da autoetnografia, nos apresentando uma vertente que é conhecida como “poesia autoetnográfica” – que expressará o processo de silenciamento vivido construindo memórias que são compartilhadas de alguma maneira pela coletividade dos grupos raciais.

O quarto trabalho é **A infantilização de mulheres brancas: dispositivo de raça, gênero e classe na construção de subjetividades**, das autoras *Fabiane Albuquerque e Vanessa Diniz*. Estas autoras vão discutir sobre a construção da subjetividade de mulheres brancas, enquanto infantilizadas. Elas partem do entendimento que a autoetnografia é um método que possibilita colocar em evidência as suas vivências e experiências de mulheres negras na interação com as mulheres brancas. Ao constatarem que as mulheres negras são construídas como a “Outra” nesta relação, elas compreendem o quanto (mulheres e meninas negras) foram e são “adultizadas” desde a infância.

O quinto é **A autoetnografia como prática contra-hegemônica**, da autora *Camila Fontenele*. Esta autora discute sobre a importância de analisar a autoetnografia como um meio de interpelar os estereótipos e as narrativas hegemônicas.

O sexto, **Autoetnografias dialogadas de feministas negras: experiências de docentes negras em programas de pós-graduação**, das autoras *Joselina da Silva e Maria Simone Euclides*, vai discorrer numa perspectiva feminista negra e dialogada constituída a partir de duas vozes que conduzem um ecoar para além dos âmbitos individuais. Elas dão ênfase em teorias que abordam sobre mulher e ciência, racismos diversos e desigualdades de gênero e raça. E que se voltam, juntamente com os olhares e reflexões das autoras, para o ambiente de atuação das professoras doutoras negras.

A partir deste que é o sétimo artigo, **Autoetnografia e a potência do habitar e des(aprender) com territórios indígenas: contribuições para de(s)colonizar a Psicologia**, dos autores *Lucas de Faria e Catia Martins*, observaremos uma atenção para a temática indígena, em que eles partirão da autoetnografia performativa crítica para refletir sobre a trajetória de formação colonizada e os processos de de(s)colonização dos sentidos a partir do encontro com os povos Kaiowá e Guarani.

O oitavo artigo é de *Carlos F. Pérez Reyna* (organizador do dossiê), **Autoetnografia e Filme: o jogo de espelhos no documentário experimental Teko Haxy**, em que apresento alguns aspectos metodológicos do

conceito de autoetnografia e a potencialidade filmica, a partir do encontro entre Patrícia Ferreiro Pará Yxapy (Mbya Guarani) e Sophia Ferreira Pinheiro (antropóloga), cujo resultado gerou o documentário experimental *Teko Haxy-Ser Imperfeita* (2018). Deste encontro podemos observar a discussão sobre as semelhanças e diferenças das dores e desafios de serem mulheres, cada uma inserida em uma cultura diferente.

O nono trabalho, do autor *Eliézer Reis Vicente*, **O corpo dissidente na Escola e na Universidade: Narrativas (Auto)Etnográficas em Correspondências**, se insere na temática LGBTQIA+ e sexualidade; o próprio título do trabalho já fala por si, este autor através de narrativas autoetnográficas em forma de correspondências vai refletir, problematizar e “fazer pensar” sobre o corpo dissidente no ambiente da escola e da universidade. Seu maior objetivo é sensibilizar os/as docentes para que entendam sobre a urgência do debate acerca das questões relacionadas à diversidade sexual, como também, para que compreendam a escola/universidade como espaços de resistência política aptos a dismantelar conceitos e preconceitos relacionados às sexualidades tidas como “dissidentes”.

Já o décimo, **Peregrinação e Autoetnografia - (Des)cobrimos as masculinidades no Alto Minho**, do autor *Douglas Santos da Silva*, visa entender as confluências entre religião, arte, gênero e sexualidade no Alto Minho, em Portugal. Seu trabalho perpassa uma narrativa católica, demonstra construções sociais locais e até um ritual iniciático masculino para a manutenção dos “bons cidadãos”. O autor ainda refletirá sobre o seu corpo queer e as próprias experiências, a masculinidade hegemônica e as dinâmicas das mais diferentes masculinidades.

O décimo primeiro trabalho, **História de vida e memórias: Cultura, Gênero e Processos Migratórios entre Brasil e Espanha**, da autora *Violeta Holanda*, demonstra uma intensa mobilização da história de vida e de memórias em uma perspectiva interessada na compreensão das experiências culturais, das relações de gênero e dos processos migratórios. Este trabalho como os demais a seguir estão dentro do que entendemos como temáticas diversas.

O décimo segundo, **La decepción y su incidencia en el trabajo autoetnográfico, una aportación desde la fenomenología**, do autor *Jorge Montesó-Ventura*, traz a reflexão ensaística sobre a “decepção”, o seu impacto no trabalho autoetnográfico e a importância da fenomenologia.

O décimo terceiro, do autor *Francisco Nascimento*, **No gelo fino: notas ético-metodológicas e relacionais de pesquisas (auto)etnográficas em prisões**, analisa as questões éticas e metodológicas decorrentes da inserção e do percurso relacional do autor no intuito de refletir sobre pesquisas em prisões brasileiras a partir da sua condição de ser etnógrafo e policial penal cearense. Discute a questão do acesso, permanência e o contato com os interlocutores em um campo em que o etnógrafo/ policial penal, ao mesmo tempo, é pesquisador e objeto de pesquisa, envolvido profundamente no processo investigação e reflexão do contexto prisional. O décimo quarto, **Autoetnografia da concepção de um currículo: a inflexão de um habitus particular em uma política pública**, do autor Ernesto Gadelha, discute as suas disposições e posição como agente atuante num processo de política pública.

O décimo quinto, das autoras *Geórgia Feitosa e Paiva e Fernanda Oliveira*, **O que as redes contam sobre nós? Um estudo autoetnográfico da representação de si no Instagram**, que nos apresentará as dimensões de uma autoetnografia visual para investigar as relações de gênero a partir das redes sociais, em que se destaca uma preocupação sobre a construção da imagem da mulher na cibercultura.

Finalmente, é fundamental mencionar a tradução do importante artigo da professora e estudiosa norte-americana *Rachel Alicia Griffin*, **EU SOU uma Mulher Negra com Raiva: Autoetnografia Feminista Negra, Voz e Resistência**. Neste artigo, ela apresenta cronologicamente a sua introdução pessoal ao pensamento feminista negro para posicionar os estudos feministas negros numa conversação direta com a autoetnografia e, a partir desta aproximação, refletir sobre o “uso da raiva como um meio de alimentar suas reflexões autoetnográficas feministas negras.”. Aproveitamos também para expressar o nosso mais profundo agradecimento à professora Griffin que generosamente aceitou e nos autorizou a realização da tradução do seu artigo.

Finalmente, gostaríamos de expressar nossos agradecimentos para algumas pessoas que foram fundamentais para a materialização deste dossiê.

O nosso primeiro obrigado vai para o artista visual Pixote Mushi que gentilmente nos autorizou usar como capa do nosso dossiê uma de suas obras. A pintura foi feita com cinzas da Amazônia/Pantanal, cerrado e mata atlântica e carvão; esta pintura fez parte do projeto “cinzas da floresta (@cinzasdafloresta)” e compõem uma série Cubista Antropofágica – “Pó de Seres Nativos”. Esta obra escolhida chegou até mim, Silvio Matheus, a partir de Rafaela Rabesco, que ao perceber que estávamos em busca de uma obra que expressasse o sentido da autoetnografia, nos apresentou a obra de Pixote como também a sua página numa rede social. Deste momento em diante estabelecemos contato, pudemos saber um pouco mais da sua trajetória e tivemos mais certeza de que seria um encaixe perfeito para o dossiê. Esperamos que as interseções dos rostos, das vivências ali imaginadas e dos tons de cores que aludem à pele em sua pintura nos permita enxergar as complexidades das interações e das experiências que muitos sujeitos vivenciam na contemporaneidade e que em nosso entendimento se expressam em muitos dos trabalhos apresentados neste dossiê. Dito isso, reproduzimos aqui alguns trechos da biografia de Pixote (<https://en.pixotemushi.com/sobre>) que apresentam as fundamentações do seu “Eu artístico” e do desenvolvimento do seu trabalho autoral. Ele imergiu “em suas raízes familiares, viajando para Juazeiro do Norte/CE, deixando se levar por influências poéticas e temáticas vindas principalmente do Nordeste”, inspira-se também “nos povos nativos e originários brasileiros e no próprio Brasil”. Seu trabalho é “cheio de poéticas, mensagens e identidade, onde mistura-se toda a sua bagagem, estudos, técnicas e pesquisas [...]”. Ele se define como um artista antropofágico, “no sentido de deglutir suas vivências e oportunidades na arte, devorá-las e digeri-las, superando muitas adversidades e misturando-as agora com os descobrimentos de sua identidade.”.

Outros agradecimentos vão para a doutoranda Ana Idalina Nunes que fez a ponte para que pudesse surgir esta parceria entre nós organizadores e, em sua representação, estendemos nosso obrigado ao pessoal que incansavelmente divulgaram nossa chamada para publicação neste dossiê; para os/as autores/as que submeterem seus trabalhos ao dossiê e que demonstram com seus estudos a relevância desta metodologia; para Maria Clara Carvalho Ferreira (aluna 6 do curso de Cinema e Audiovisual da UFJF) por nos acompanhar nas primeiras reflexões e esboços sobre uma possível capa para o dossiê; para Mariana da Motta Fagundes Lira, pelo seu olhar afetuoso na revisão da tradução ao português do texto da professora Rachel Alicia Griffin.

Por último e não menos importante, gostaríamos de agradecer a parceria e atenção generosa da Editora Responsável da Revista Teoria e Cultura, a professora Dr^a Cristina Dias da Silva; e em sua representação, estendemos nossos agradecimentos às pessoas que fizeram parte dos trabalhos editoriais da revista. Sem o apoio e trabalho fundamental de vocês este dossiê provavelmente não seria possível.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, L. (2006). Analytic Autoethnography. *Journal of Contemporary Ethnography* 35, no. 4, pp. 373-395.
- BOYLORN, R. M. (2014). A Story & A Stereotype: An Angry and Strong Auto/Ethnography of Race, Class and Gender. Em R. M. BOYLORN, & M. P. ORBE, *Critical autoethnography : intersecting cultural identities in everyday life* (pp. 129-143). Walnut Creek, CA: Left Coast Press, Inc.
- COFFEY, A. (1999). *The ethnographic self: Fieldwork and the representation of identity*. London: Sage.
- DENZIN, N. K., & LINCOLN, Y. S. (2000). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. Em N. K. DENZIN, & Y. S. LINCOLN, *Handbook of qualitative research* (pp. 1-28). Thousand Oaks, CA: Sage.
- ELLIS, C., & FLAHERTY, M. G. (1992). *Investigating subjectivity: research on lived experience*. Newbury Park, California: Sage Publications.
- ELLIS, C., ADAMS, T. E., & BOCHNER, A. P. (2011). Autoethnography: an overview. *Historical Social Research* 36, pp. 273-290.
- GRIFFIN, R. A. (2012). I am an angry black woman: Black feminist autoethnography, voice and resistance. *Women's Studies in Communication*, 35(2), pp. 138–157.
- MCCLAURIN, I. (2001). Theorizing a Black Feminist Self in Anthropology: Toward an Autoethnographic Approach. Em I. MCCLAURIN, *Black feminist anthropology: theory, politics, praxis, and poetics* (pp. 49-76). New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press.
- REED-DANAHAY, D. E. (1997). Introduction. Em D. E. REED-DANAHAY, *Auto/Ethnography - Rewriting the Self and the Social* (pp. 1-17). Oxford - New York: Berg.
- ROTH, W.-M. (2005). *Auto/Biography and Auto/Ethnography*. Leiden, The Netherlands: Brill | Sense. doi:<https://doi.org/10.1163/9789460911408>